

Palestra do Guia Pathwork® nº 202
Palestra Não Editada
16 de junho de 1972

INTERAÇÃO PSÍQUICA DA NEGATIVIDADE

Saudações e bênçãos para todos meus queridos amigos aqui. O poder do amor e a força da verdade se abrirão em vocês sempre mais, conforme crescem em seu caminho.

Em nossa última palestra deste período de trabalho, gostaria de falar-lhes antes de tudo que o geral do trabalho que o grupo como um todo executou neste ano foi extremamente importante e significativo. Isto se tornará mais claro quando esta palestra for totalmente compreendida e assimilada. A maioria aprendeu a se conectar, perceber e admitir bastante negatividade e intencionalidade negativa. Alguns fizeram mais que outros neste quesito, mas todos estão a caminho.

A importância e o valor deste progresso, não podem nem mesmo ser percebidos ainda. Há bastante diferença se estão conscientes da intencionalidade negativa ou se tateiam cegamente, agem e consequentemente sofrem um tipo de confusão mais dolorosa que a dor real. O benefício deste novo estado de consciência é igualmente grande para si mesmo e para os outros. Nesta palestra gostaria de mostrar-lhes o que a inconsciente interação psíquica entre si e os outros significa em termos de amor e em termos da dor da culpa que falamos na última palestra.

Quando estão vagamente conscientes de sua negatividade, quando sentem difusamente a dor que esta inflige aos outros e quando, portanto, estão presos na batalha entre a culpa, autojustificação, autovitimização, desamparo, autorrejeição e duvidam de si mesmos, prendem aos outros com seus próprios problemas e conflitos na sua negatividade. Os amarram em uma luta igual a que descrevi.

Nesse estado de vaga consciência, você não faz nada senão engancha os outros – que têm seus próprios problemas e conflitos inconscientes – em sua negatividade. Você mesmo os liga a você através de uma luta exatamente como a que eu descrevi.

Muitos de vocês já começaram a reconhecer que negando sua negatividade vocês incorrem em uma culpa dupla. Primeiro, há a culpa pela atitude negativa em questão. Podemos chamá-la de culpa primária. Em seguida sentem culpa por negar essa negatividade. Podemos chamá-la de culpa secundária. Se a culpa primária fosse admitida e as suas consequências verdadeiramente aceitas, ela cessaria de ser uma culpa. A culpa secundária, a culpa da negação, tem um peso muito grande na alma de todos. É uma carga que consome muita energia vital. Sua negação implicará sempre em atos danosos – internos ou externos – em relação aos outros. A negação é sempre um insulto que se acrescenta ao ferimento e, portanto pode verdadeiramente ser chamada de pecado. É um pecado porque você pune os outros por sua própria falha, por suas próprias intenções negativas, falta de amor, falsidade, maldade e exigências injustas.

Se você está consciente, por exemplo, do fato de que não deseja amar e se não finge o contrário, então assume a responsabilidade por sua escolha. Se você percebe que paga um alto preço por

uma existência sem amor, mas aceita isso, pelo menos não prende outros em sua culpa por não amar. Certamente você estará sozinho e isolado, mas fez uma escolha; sabe disso e paga o preço por isso. É verdade que está privando o mundo de sua maravilhosa capacidade de amar, e nesse sentido está falhando. Mas o pior é quando culpa os outros por sua falta de amor, mesmo que use os defeitos deles como desculpa. Quando pune os outros pelos resultados de sua própria atitude desamorosa; quando cria caso com eles a fim de justificar seu próprio fechamento. Porque então vocês pecam realmente, meus amigos.

Apesar de esta prática ser muito comum e difundida, é tão sutil que somente pessoas que possuem considerável quantidade de autoconsciência podem começar a reconhecê-la em si mesmas, e, portanto também nos outros. Jogar nos outros a responsabilidade por você não amar é uma atitude básica que existe em várias formas e em graus de intensidade variáveis. Quando não reconhecida, a recusa em amar frequentemente se manifesta na seguinte atitude: “Eu não quero lhe dar nada (seja lá quem for esse “você”), mas eu exijo que você me dê tudo. Se não fizer isso, eu o punirei”. Esta atitude é muito comum. Quanto mais disfarçada e menos conscientemente expressa ela for, mais insidiosos serão seus efeitos em si mesmo e nos outros. É sempre relativamente fácil negar, racionalizar, distorcer, esconder ou usar meias verdades para justificar essa atitude.

Ultimamente, diversos dos meus amigos têm sido capazes de ver essa atitude em si mesmos e de admitir não somente para si, mas também para seus amigos no grupo. O influxo de saúde, de ar puro e fresco da verdade psíquica é instantâneo. Esse frescor é resultado de se libertarem da culpa secundária. Quanto mais expuserem cada detalhe da disparidade entre suas exigências, sua própria intenção de não dar, e a punição que colocam em ação quando as exigências não são satisfeitas, mais se libertarão da culpa secundária.

Quanto mais claramente você puder ver a injustiça irracional da discrepância entre o que exige e o que dá – a diferença entre o tratamento que insiste em receber e o tratamento que dá aos outros, e a forma pela qual escolhe punir os outros a fim de não ser pego ou considerado culpado – quanto mais claramente puder ver isso, mais rapidamente se libertará da carga que causa depressão, ansiedade, preocupação, impotência e frequentemente também doença física e frustração material.

Uma das formas mais populares de punir os outros por não responderem com amor às suas atitudes egoístas é considerá-los culpados, criar um caso de forma que eles pareçam ser a causa do seu sofrimento. Você pode convencer a si mesmo muito facilmente da culpa deles, porque escolhe ver apenas o resultado de sua negação e de seu desdenhoso e covarde não dar. Você escolhe ignorar o fato de que enquanto sua própria psique ainda estiver enterrada nessa atitude negativa em relação à vida, os outros não poderão responder como gostaria que respondessem.

Sua negatividade diz: “Eu negarei a verdade e o culparei por não me dar tudo que tem e por não me deixar escapar com minhas exigências unilaterais. E se ousar reagir a isto, eu o punirei odiando-o e culpando-o ainda mais”. Aqueles que estão no início do caminho, ou os que investem muito na autoimagem idealizada, que não deixam espaço para admitir tal coisa, a princípio acharão impossível que eles também abriguem tal atitude. Sua melhor medida para determinar, se esta existe ou não e em que medida existe é consultar sua mente e suas emoções. Se você se sente seguro, sem medo, à vontade, confortável com os outros, sem ansiedade; se expande sua vida de forma alegre; e se considera dificuldades ocasionais como degraus significativos, então é verdade que já superou grandemente essa atitude envenenada. Mas, também, já deve ter tido esta atitude negativa em algum

momento, e deve ter lidado com ela de forma verdadeira. Ninguém nasce inteiramente livre dela. Se ainda não encontrou esta atitude em si, deve trabalhar seu orgulho, seu investimento no fingimento e sua covardia.

Quando admite sua intencionalidade negativa, você realiza o mais fundamental ato de amor. Quer saibam disso ou não, meus amigos, no momento em que admitem o que estão fazendo, realizam um ato de amor. Se não admitem suas intenções negativas podem dar muito, mas nunca darão aquilo que realmente importa. Vocês podem dar coisas: dinheiro, ajuda, fazer o bem, realizar atos altruístas, ou até dar ternura e atenção, mas estes serão apenas presentes vazios, privados do presente único de libertar o outro ao admitir honestamente sua própria negatividade.

A culpa causada por suas exigências injustas, seu desprezo e pela negação do seu amor; a acrescida culpa causada por punir os outros pelo seu sofrimento, com certeza minarão sua força e seu poder de expressão. Isto o tornará realmente fraco. Enquanto continuar com essa atitude, como é que poderá ter fé em si mesmo, ou acreditar em sua dignidade como ser humano livre? Você pode tentar todo tipo de formas artificiais de instilar autoconfiança em si mesmo, mas nunca funcionarão, a menos que assuma a culpa secundária de culpar os outros pela sua negação, e desista de culpar os outros, admitindo isso. Então, se assim escolher, poderá até permanecer com a culpa primária – a culpa de não querer amar – mas pelo menos assume a responsabilidade.

Vocês veem, meus amigos, este é um mundo de dualidade. Existe tanta confusão por causa da alternativa “isto/ou aquilo” que opera em quase todas as áreas da vida. Eu discuti a dualidade em relação a diversos assuntos. O tópico discutido aqui é particularmente dado à confusão que vem da abordagem dualista da vida. O homem está bloqueado por sua crença de que ou ele deve ser culpado (por qualquer coisa que seja), ou então a outra pessoa deve ser culpada. Ou é mau e errado, ou a outra pessoa é. Esta dualidade cria uma situação terrível. Torna impossível chegar à verdade. Se você conclui que está errado e a outra pessoa não tem culpa, sente que há algo que não está muito certo nessa conclusão.

Nessa distorção, também sente que uma responsabilidade injusta é colocada sobre você. Se houver uma atitude “ou eu/ou o outro” e você for o único a assumir toda a carga da culpa, certamente esperará ser colocado no ostracismo. Assumir a culpa é uma carga insuportável; É falso e não lhe permite ver a realidade claramente. Faz com que você se sinta ainda mais inferior e indigno de amor. Seu sofrimento parece uma punição justa, e não o resultado de uma escolha que você é livre para mudar sempre que decida. Assumindo toda a culpa, dá permissão para que a outra pessoa secretamente aja de acordo com sua própria intencionalidade negativa.

Por outro lado, se tem que estar completamente certo e justificado em explicar sua atitude, então você também se coloca em uma situação terrível. Mais uma vez sente que há algo errado. A conclusão de que o outro está totalmente errado também não serve. Apesar de essa alternativa parecer desejável a fim de livrá-lo da culpa, se sentir que tem que se proteger desse jeito, se tornará ansioso, tenso, medroso e ameaçado pela possibilidade de ter suas defesas invadidas. Então não pode estar relaxado, natural e próximo aos outros. Sua necessidade de estar “inocente” impede a intimidade. Novamente não poderá se sentir bem.

A maioria dos seres humanos é ainda incapaz de compreender como suas distorções e negatividades afetam, reforçam, engancham e contracenam com as distorções e negatividades dos outros.

Ainda estão muito envolvidos na luta dualista, em suas próprias defesas e na proteção de sua autoimagem ilusória. Portanto, estão cegos para a realidade psíquica da constante interação entre o eu e os outros. A atitude que diz: “ou eu/ou o outro” cria uma terrível situação de confusão, culpa e autodúvida.

Na interna atitude de psique a psique, acontece o seguinte: suponha que internamente você diz: “Eu o punirei por não preencher minhas exigências insaciáveis. Eu não lhe amarei nem lhe darei nada. Eu o punirei tornando-o culpado e se quiser algo de mim, não lhe darei. Eu o punirei mais efetivamente fazendo-me vítima, de forma que você não possa me culpar ou me pegar”. Suponha que a outra pessoa esteja internamente lutando para desistir de defesa similar e a resistência lhe diga: “não pode desistir de suas defesas. Os outros estão aí para lhe ferir, vitimizar e explorar. Se abrir seu coração ao amor, não conseguirá nada além de rejeição, injustiça e ódio. Não vale a pena. É melhor permanecer fechado”. Simplesmente imagine como sua atitude de autovitimização reforçará a resistência irracional da outra pessoa a ser aberto, vulnerável e amoroso. A parte medrosa do self do outro, levada pela negatividade e retirada “protetoras” será consideravelmente negligenciada em sua luta toda vez que encontrar tal intencionalidade negativa.

A punição frequentemente toma a forma de severas acusações que caluniam o caráter do outro. Você pode nunca ter pensado nestes termos, mas se olhar de perto verá que é exatamente assim. Ou pode até usar uma falha real da outra pessoa como desculpa para puni-lo por não ceder às suas exigências e por não aceitar um contrato dizendo que deve lhe dar tudo e em troca receber pouco ou nada (nesse nível ou em outros o caso pode ser bem diferente).

A interação inconsciente nesta área fortalece, justifica e aumenta a convicção de que a negatividade é uma defesa necessária. Observada deste limitado ponto de vista, a posição defensiva parece correta. Assim, quando você age na intencionalidade negativa é responsável também pela outra pessoa. É uma das aparentemente paradoxais verdades da realidade espiritual, o fato de que você é responsável por você mesmo e também é responsável pelo outro, de maneira diferente.

Da mesma forma, a intencionalidade negativa da outra pessoa fere, prejudica e o atrasa e é responsável por fazer isto a você. E ainda não surtiria efeito se você não estivesse tenazmente agarrada à sua. Desta forma é sua responsabilidade. Cada um tem a escolha de deixar que as intenções negativas dos outros sejam uma desculpa para manter a sua própria, ou de buscar uma nova forma de responder à vida. Assim, é certo dizer que você é totalmente responsável por si mesmo; outros são totalmente responsáveis por si mesmos. Ao mesmo tempo em que é igualmente certo que todos são responsáveis uns pelos outros.

Uma vez que na verdade não existe divisão entre o eu e o outro, ambas as afirmações devem ser verdadeiras. Você é os outros e os outros são você. A separação é uma ilusão tanto quanto é uma ilusão estar preso à dualidade do “ou isso/ou aquilo”. Mais uma vez, não é que você seja responsável ou por você ou pelo outro, ou de que o outro seja responsável por si mesmo ou por você. Tudo é verdade. Tudo é a mesma coisa.

Portanto, quando você muda o velho padrão de culpar os outros, a fim de justificar sua injustiça ou suas exigências pouco amorosas, não somente se desprende dessa terrível prisão, mas também ajuda a desprender a outra pessoa. Claro, que o outro não deveria depender de você. Deveria se desprender por si mesmo e encontrar a própria salvação. Você pode dizer: “Os outros não

devem depender da superação de minhas negatividades e problemas a fim de superar os seus próprios”. E você está certo e errado ao mesmo tempo. Você está certo quanto a ser responsável do outro vencer sua própria negatividade, e quanto a ele poder fazer isso independente do que você fizer – se ele quiser realmente. Seu esforço, seu investimento, seu compromisso consigo mesmo determinam o resultado independentemente do que façam os outros ou você. Mas, também está errado ao não ver que com seu ato de verdade, que é um ato de amor, ajuda a libertar o outro da confusão e da luta para descobrir se ele está errado ou você. Quando torna claro o que está fazendo, remove grande quantidade de confusão e dúvida, de modo que o verdadeiro panorama pode emergir e deixar claro quanto cada um está contribuindo para o envolvimento negativo e interação psíquica. Isto tem um efeito tremendamente liberador.

Existem fases no desenvolvimento humano onde uma entidade acha quase impossível sair sozinha de seu sistema negativo de defesas, de seu envolvimento e de sua convicção que essa defesa é necessária a menos que alguém com quem esteja envolvida a liberte do gancho, admitindo sua própria intencionalidade negativa, sua atitude destrutiva, sua desonestidade, sua maldade.

Imagine como você se sentiria se alguém muito próximo, que lhe tivesse causado sofrimento apontando suas culpas reais e falsas, mas que também o tivesse deixado confuso ao negar suas próprias culpas, de repente lhe dissesse: “sabe, eu não quero lhe dar amor. Quero fazer exigências e então culpar, acusar e puni-lo quando não cumprir minhas exigências. Eu também não permito que se sinta ferido, porque apesar de eu querer feri-lo, não quero que me façam sentir culpado por isso”. Apenas imagine como isto o libertaria! Como isto repentinamente esclareceria muitas confusões! Não seria muito provável que você respondesse a tal ato de amor sentindo-se o “certinho” e agindo como o inocente que sempre soube disto e agora se estabelece como a vítima.

Se você admitir suas próprias exigências injustas, sua covardia em não mostrar seus sentimentos e sua intencionalidade negativa pode ser doloroso para seu orgulho, mas para nada mais! O outro que ouvir isso terá, naquele momento, recebido de você um presente de amor. Mesmo que você ainda não queira amar com seu coração, com seus sentimentos, e com o seu ser interno. Mas, terá começado a amar sendo verdadeiro.

Ao libertar a outra pessoa da falsa culpa que colocou sobre ela a fim de esconder a sua própria, você lhe permite olhar para a sua verdadeira culpa sem autodevastaç o e sem a mais dolorosa das lutas internas em que várias culpas e acusações são misturadas e confundidas. Este esclarecimento e liberação da culpa frequentemente levam à solução de problemas muito profundos. É como se a personalidade precisasse dessa graça “externa”, dessa ajuda. Porque a desonesta colocação da culpa no outro torna a autorrevelação honesta quase impossível, porque está implícito que se a pessoa admitir sua culpa, você estava certo em acusá-la de ser má e a causa de seu sofrimento. É assim que as pessoas ficam presas umas às outras pela negação, pela projeção de culpa, pela confusão, pela briga do “ou/ou” e pela interação negativa. Alguém tem que começar a afrouxar o laço e soltar os nós.

Como sabem, intencionalidade negativa é uma defesa. Deriva da crença inata de que o mundo não é confiável e de que a única forma do self se preservar da exploração injusta e do mal é sendo tão mau quanto se supõe que o mundo é – ou mais. Quando admite sua má vontade, você ajuda o outro a começar a confiar na decência do mundo, na decência das pessoas. Ele pode então, começar a ponderar: “Talvez não seja tão perigoso afinal. Talvez não esteja tão sozinho em minha vergo-

nha e culpa oculta. Talvez eu possa relaxar. Talvez eu também possa admitir e não ser considerado o único responsável”. Que diferença isto faria na interação e nas atitudes com relação à vida, na total posição espiritual de uma entidade humana!

O sistema de energia deve começar a mudar. Quando vocês todos trabalharem juntos com este tipo de honestidade, descobrirão que o amor não é um comando da vontade e da mente. Não é uma abstração. Não é um gesto sentimental, e emocional. É ativo, vigoroso, assertivo, e livre como a inerente natureza do amor em qualquer forma. Honestidade é a forma de amor mais necessitada e mais rara na interação dos seres humanos. A menos que essa expressão de amor exista, permanecerá sempre a ilusão de que vocês e os outros são separados; de que seus interesses são contraditórios, de que a fim de proteger seus interesses você deve derrotar os dos outros, e vice-versa.

Quando vocês conhecerem sua própria negatividade, meus amigos, quando realmente a possuírem, quando assumirem a responsabilidade por ela e não mais a projetarem sobre os outros, distorcendo a realidade a fim de poder fazer isso; somente então ganharão, repentinamente, um novo insight quanto ao comportamento das outras pessoas. Isto os capacitará saber o que está acontecendo dentro delas, mesmo quando não admitirem saberão o que está acontecendo. Isto também os deixará livres. Também os tira da confusão e da culpa de “O que estou fazendo? O que o outro está fazendo? Sou o culpado? Onde estou em falta no meu sofrimento? Como o causei? Como o outro o causou?”. Assim flutuam entre culpar o outro e se culpar. Nenhuma das vias leva à nenhuma solução. Mas no momento em que assumirem responsabilidade pelas atitudes negativas e destrutivas para com os outros, mesmo que estes não fizerem o mesmo, verão a situação claramente.

Você se desvencilhará não só por sua admissão e autoconhecimento, mas como consequência, por ver e compreender as intenções negativas, a atitude negativa, e as projeções desonestas da outra pessoa. Estas duas o libertarão. Então será verdadeiramente independente. É por isto que todos que admitem o pior em si inevitavelmente sentem excitação, liberação, energia, esperança e luz, como resultado imediato.

É fato conhecido que o crescimento espiritual lhe traz o dom de saber os pensamentos, intenções e sentimentos das outras pessoas. Isto não é mágica concedida a vocês. É um fenômeno natural que ocorre porque, na realidade, você e os outros são um. Quando lê sua própria mente com exatidão, não pode evitar ler a mente dos outros, já que na verdade é uma única mente. A profundidade da mente da outra pessoa, que era antes um livro fechado, só era assim enquanto você escondia e fugia de sua própria profundidade. Seria mágico e perigoso ser capaz de ler a mente dos outros e seu ser interior se esta habilidade resultasse de poder psíquico. Poderia então, ser abusado. Mas quando esta habilidade cresce organicamente como subproduto de seu próprio conhecimento interno, é um fenômeno natural e não poder ser abusado a serviço da necessidade de poder e da negatividade.

O que agora parece uma entidade separada será visto pelo que é, na realidade não diferenciada quando a verdade, no sentido discutido aqui, for reconhecida. Será visto que tudo é Um – que há somente uma consciência. Que experiência libertadora saber e ver dentro dos outros e não mais estar confuso e dividido! Esta habilidade crescerá quando desistirem de esconder, projetar, negar e distorcer. Crescerá da desistência da atitude que não só confunde outros que estão em estado similar, mas que confunde a si mesmos tanto quanto.

Na última palestra discutimos a dor da culpa. A pior dor da culpa é a que você não sabe bem qual é sua parte e qual é da outra pessoa. Este tipo de sofrimento vem somente da dissimulação. Isto o dilacera. Nesse sofrimento, você procura cegamente. É como um animal preso em uma armadilha. Mas, é sua própria vítima. Você prendeu a si mesmo na armadilha ao escolher não ser honesto, ao evitar a honestidade.

Quando um ser humano se desenvolve em estado de maior expansão, precisa de ferramentas e modos de operar diferentes. Vamos usar a analogia simples de alguém que dirige um negócio. Quando o negócio é ainda pequeno, ele tem uma organização adaptada ao tamanho específico desse negócio. Este tipo de organização é expressivo para o propósito e abrangência da firma. É apropriada, portanto harmoniosa. Mas, quando o negócio se expande, o tipo de organização criado para um estabelecimento menor não serve mais. Se fosse mantivesse aquela estrutura, não seria mais apropriada e o negócio não correria bem. O dirigente encontraria muitos obstáculos que não existiam antes. Aquilo que era apropriado e significativo não serviria mais. O que antes era harmonioso, sob circunstâncias diferentes seria causa de desarmonia. Se o dirigente fosse muito rígido para fazer mudanças e persistisse em manter a velha e conhecida forma ou fracassaria no negócio ampliado ou no mínimo acharia muito difícil e árduo viver e trabalhar.

Meus amigos, a mesma lei se aplica à nossa expansão interior. À medida que crescem e aprendem sobre si mesmos, portanto sobre outros e sobre o mundo, à medida que experimentam a vida de formas mais profundas e variadas (o que afinal, é a razão pela qual estão encarnados), à medida que ganham compreensão e aprendem a experimentar sentimentos que antes haviam evitado estão estabelecendo a base por assim dizer, para uma “operação de expansão”. Em termos práticos, significa que atitudes que eram úteis antes, agora se tornarão destrutivas e limitadoras.

Acontece frequentemente no caminho da evolução que as entidades cresçam de várias formas, e pelo seu crescimento preparem o terreno para novas atitudes em relação à vida, no entanto estas também impedem a expansão por sua recusa em abandonar velhas atitudes. Portanto, devem se preparar para ser flexíveis e se adaptar a novas formas de responder ao mundo, meus amigos. Vocês precisam se preparar para responder de forma diferente às reações de outras pessoas; a responder de nova forma ao que acontece ao seu redor e dentro de vocês. Esta mudança acontecerá primeiramente pela compreensão de que suas velhas respostas são reflexos condicionados criados para servir a um modo menor de funcionamento na vida; segundo, pelo questionamento desses reflexos e do significado por trás deles; e finalmente, mas igualmente importante (e este é o tema básico da palestra desta noite), pela escolha do amor em lugar da separatividade como sua forma de estar no mundo.

Novamente, estes não devem ser meramente palavras. Não devem ser meramente conceitos mentais, uma tentativa voluntariosa, ou emoção sentimentalizada que esconde muitas das coisas que não querem admitir. Devem ser colocadas em ação onde internamente estão. Admitir sua negatividade é sempre um ato de amor seja feito diretamente à pessoa em questão, quando isto for possível, ou a um helper que não esteja pessoalmente envolvido com sua negatividade. É sempre um ato de amor ao Universo. Onde quer que encontrem sua negatividade, meus amigos, mesmo enquanto ainda escolherem mantê-la, considerem a possibilidade de um dia desejarem desistir dela por amor ao universo e por amor a si mesmos.

O amor é a chave. Se não abrirem seus corações, definharão. Vocês todos viram que, não importa quão verdadeiro ou certo seja algo, quão inteligente seja sua análise, quantos insights tenham quanto à história e dinâmica de uma condição que cause problemas, nenhuma mudança real pode ocorrer a menos que se comprometam a abrir seus corações. Vocês não podem se completar meus amigos, a menos que abram o coração. Não adianta fingir que querem o amor, ou que amam, enquanto tiverem medo de sentir seus sentimentos. Na medida em que evitam seus sentimentos, evitam amar.

Não pode ser forte e corajoso, não pode amar a si mesmo, a menos que ame os outros. É igualmente verdade que você só pode amar os outros na medida em que ama a si mesmo. O primeiro passo deve ser a disponibilidade para amar. Você não começa a amar simplesmente porque escolheu assim. Você tem que invocar a natureza divina de seu núcleo mais interno para que ela lhe conceda a graça de amar. A graça de Deus pode se manifestar através de você, fazendo com que abra seu coração e perca o medo dos sentimentos e de ser vulnerável. Isto é tudo que precisa. Se não ama, não tem nada. Se amar, tem tudo.

Mas se amar falsamente como fingimento, é muito menos amoroso e mais prejudicial e ilusório do que quando admite seu ódio. Admitir seu ódio é mais amoroso do que o ato aparentemente amoroso que nega o ódio. Pensem sobre isto, meus amigos.

Que os próximos poucos meses, nos quais terão tempo para assimilar o material que lhes dei e durante os quais estarão sem este contato direto, possam ajudá-los a estabelecer, cada vez mais, a comunicação mais real e mais vital de todas: a comunicação com o seu eu espiritual. Mas a fim de fazê-lo precisam eliminar seus autoenganos e fingimentos. Estes sempre bloqueiam o caminho para o Deus interno.

Aqueles que ainda não descobriram onde e de que forma não são amorosos, devem se dedicar a fazer isso. Não se deixem enganar pelo conhecimento de onde já são amorosos. Perguntem-se quão realizados se sentem em seu amor. Quão calorosos e não ameaçados se sentem com os outros? Quanto estão confortáveis na vida? Estas são as respostas para saber quanto são amorosos e verdadeiros. Então, talvez o primeiro passo para o amor seja instituído: admitir seu ódio, admitir sua atitude punitiva, admitir seu desprezo. Na medida em que fizerem assim, começarão a amar. Terão subido o primeiro degrau da escada do amor, no minuto em que admitirem a feia verdade que queriam esconder, e pela qual mantinham outra pessoa como responsável. Vocês faziam isto seja distorcendo totalmente a realidade, ou usando algo parcialmente verdadeiro como desculpa.

Compreender isto, meus amigos, necessitam de muita meditação e genuína boa vontade. Mas então, que chave para a vida isto é! Vocês precisam realmente querer ver isso. Quando conseguirem, então também compreenderão como foi tremendamente significativo este ano de trabalho para a maioria das pessoas deste grupo. Todos, em algum grau fizeram um pouco dessa admissão. Quanto menos resistirem à expansão a um novo estado de funcionamento quando estiverem prontos para isso, mais dolorosa a necessária crise será. Quanto mais disponíveis e não resistentes forem, mais suave será a transição para novo estado, mais verdadeiro e mais amoroso.

Eu agora lhes peço que se comprometam a ir mais longe e mais fundo nessa direção. Comprometam-se a ir até o fim, assim ajudando a si mesmos e aos outros ao seu redor. Permitam que

isto aconteça. Esta é a maior bênção que pode haver. Portanto, criarão o clima necessário para um ambiente interno novo – dentro e fora.

Este foi realmente um abençoado ano de trabalho, meus amigos. Muitos de vocês manifestaram seu crescimento espiritual em expressões visíveis de uma vida mais preenchida, mais paz e segurança e satisfação externa como resultado. Os próximos anos serão ainda mais plenos, na medida em que expandirem esse núcleo de aprendizado e purificação espiritual. Vocês são realmente abençoados. Cada passo em direção à verdade, cada passo em direção ao amor, libera mais energia espiritual. Cada passo de decência ativará sua natureza divina.

Sejam, essa natureza divina!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.